

DOS SERES INCOMPLETOS À EDIFICAÇÃO HUMANA

Marco Aurélio Baggio*

RESUMO

O autor interpreta a obra de arte **Grande sertão: veredas** como um viático que abrange ensinamentos úteis acerca do viver. Demonstra o esforço literário de Guimarães Rosa indicar os colomnhantes caminhos que permitem a nós, seres humanos, faltos e incompletos, avançar rumo à edificação de nossa humanidade, até alcançar nossa dimensão espiritual. O autor lê o **Grande sertão: veredas** como uma imprescindível Bíblia sobre a existência. Lança a tese de que, o maior empecilho ao crescimento do homem humano é dado pela resistência de cada um em assumir, integralmente, sua centelha de espírito.

Hoje nos credenciamos a ler a obra de arte literária **Grande sertão: veredas**, de João Guimarães Rosa, dentro de uma dimensão abrangente de saberes religiosos, metafísicos e espirituais, que alteia junto àquelas obras magnas produzidas pela humanidade.

Espantado, certamente em choque pelo impacto múltiplo causado pelo **Grande sertão**, o grande crítico literário brasileiro, Antonio Candido, não se deu por achado e, numa centelha de brilho, recomendou:

*Na extraordinária obra-prima **Grande sertão: veredas** há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício.* (Coutinho, 1983, p. 294)

A **Fortuna crítica** publicada por Eduardo Coutinho em 1983 é riquíssima na coleção de estudos da mais alta qualidade – quase todos, abordando o livro como puro evento literário.

Um dia (1986), descobri a acuidade e a competência com que Sônia Maria Viegas Andrade interpretava o **Grande sertão** à luz dos cânones da filosofia ocidental (1985). Surgiu o Guimarães Rosa filósofo.

* Psiquiatra. Psicanalista.

Pouco depois (1987), li com espanto **Bruxo da linguagem no Grande sertão**, de Consuelo Albergaria (1977). Manejando conceitos esotéricos e ocultistas com mestria e pertinência, a autora revela os conceitos das antigas tradições inseridos e articulados ao longo da obra rosiana. Guimarães Rosa é um iniciado nos mistérios herméticos. O que foi corroborado por **A demanda da santa escritura**, de Ana Maria de Almeida, em 1992.

Em 1994 surgiu **Os descaminhos do demo**, de Kathrin H. Rosenfield (1993), uma penetrante análise dos labirintos de linguagens distintas, obrigadas a dar rendimento no cadinho do sertão rosiano, transmutando-se em *poiesis*, que escanča e eleva conceitos caros à tradição cultural do ocidente.

O texto paradigmático que decifra os arcanos presentes no **Grande sertão** é o livro de Francis Utéza, **Metafísica do Grande sertão**, de 1994. Culto e depurado exegeta de Guimarães Rosa, Utéza revela as vias do Oriente e a do Ocidente, constantes no grande livro. Hábil pesquisador da etimologia das palavras empregadas por Rosa, Utéza descobre, lá longe, mato-a-dentro, suas raízes últimas de significação. Lá mesmo, fonte, onde, seguramente, as limpou das cinzas do muito uso, o autor Rosa. “O que é pra ser – são as palavras!”. (1970, p. 39)

Em 1996, surgem dois magníficos estudos sobre Guimarães Rosa, a nós agraciados mercê de Heloísa Vilhena de Araújo. **O roteiro de Deus** (1987) é obra de fôlego, cotejando nosso querido autor – Joãozito – com uma leitura segundo a hagiografia cristã católica. Heloísa Vilhena de Araújo mostra como conhecimentos provenientes da mitologia e da filosofia grega estão imiscuídos na obra rosiana, jungidos a saberes derivados da teologia dos Padres da Igreja.

Com todos esses livros, já não se pode manter dúvida. João Guimarães Rosa nos legou um tratado de condução de vida, onde estão inseridas centenas de peripécias e seus desdobramentos possíveis e adequados, tais como já foram sobejamente descritos pelos códigos iniciáticos e pelas prescrições explícitas na literatura de todos os tempos e em todas as culturas.

“Coração cresce de todo lado. Coração vige feito riacho colominhando por entre serras e varjas, matas e campinas. Coração mistura amores”. (1970, p. 145)

Esta é a estreita e coleante incerta *via do meio*. Este estreito viés se dá sem radicalismos nem absolutismos – condições que, quando presentes são passagens seguras para a curta extinção do viajor. “Esta vida está cheia de ocultos caminhos”. (1970, p. 119)

Eis que assim, deparamos com o Guimarães Rosa acendedor de centelhas, autor místico aboiando gentes, cartografando e nomeando as coisas todas que se apresentam no percurso da travessia da vida, utilizando-se da palavra – Verbo – para batizar os objetos e os seres. O Verbo – a palavra é o sopro de divino que a nós compete, instaurando a vida e o significado na matéria bruta do bios e do caos.

Visto assim, o **Grande sertão** é um breviário que nos induz ao percurso, para superarmos nossa biologia corporal, por sua vez animada com nossa mente psi-

quizada. Esta se constitui, assujeitada à incorporação passiva da subjetividade, imposta pelo outro que nos instrui, para que possamos funcionar como indivíduos sujeitos de nosso próprio desejo. Tornamo-nos capazes então, de investir e revestir as coisas, os objetos, as pessoas e as insígnias de valor no âmbito da cidadania, no mundo externo. Do intrincado intercâmbio eu-outro-que-não-eu, mundo interno-mundo externo, fora-dentro, meu-seu, subjetividade-realidade, acontecem eventos e peripécias de variada ordem, em sucessão ou em arrevezo.

Ao que, digo ao senhor, pergunto: em sua vida é assim? Na minha, agora é que vejo, as coisas importantes, todas, em caso curto de acaso foi que se conseguiram – pelo pulo fino de sem ver se dar – a sorte momenteira, por cabelo por um fio, um clim de clina de cavalo. (1970, p. 98)

Deste poderoso tantalizante jogo interrelacional, o raso jagunço Riobaldo, cachorrando pelo sertão da existência, constata ser homem de pouca importância e escasso valor. “Eu era um homem restante trivial”. (1970, p. 53)

Com sorte, terá encontrado um – ou mais de um – agente amigo, mais velho e mais estribado – mãe, pai, parente, amigo, amor, professor, agente qualquer propiciador – que lhe convida, dadivosamente, a partilhar do patrimônio comum, já acumulado pela humanidade.

— *Venha ser humano como nós. Venha fazer parte conosco!*”, é o amável convite que todos recebemos da sociedade.

Convite aceito, nós, Riobaldos, tornamo-nos filhos da Brighid – Grande Mãe; depois, somos afillhados de Selorico Mendes – homem antipático –; a seguir, tornamo-nos amigos fraternais de Diadorim e jagunços entre companheiros jagunços, até nos tornarmos-nos propriamente um Ramiro. Identificados como tal. Esse é o processo ativo de subjetivação, onde o sujeito Riobaldo esforça-se em aprender avidamente, incorporando assim, gulosa e assimiladoramente, todo um cabedal cultural disponível a ele, livremente outorgado pela civilização. Assim melhor apetrechado, nosso herói pode cumprir bem os desempenhos dos negócios corriqueiros da vida. Granjeará então, estofo, consistência, cerne, lastro, que constituirão o substrato crescente de seu aprendizado em adquirir estima e confiança em si próprio.

Até que, um dia, começará a fazer outras maiores perguntas. Por eventos ou por portentos insurgidos, o transeunte Riobaldo irá deparar com os temas nobres da vida. Gã, pessoa, existência, vontade, coragem, glória, amor, amizade, requisitos para superação de arrevezos, rumo à edificação humana. “A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar”. (1970, p. 114)

Súbito, se constatará desguarnecido no interno de suas coragens a estugar o passo para frentear tais questões. Terá que fazer uma escolha.

“Mas, eu, o que é que eu era? Eu ainda não era ainda”. (1970, p. 296)

“(…) e, que é que eu era? Um raso jagunço atirador, cachorrando por este sertão”. (1970, p. 305)

De forma exemplar, Riobaldo, transita uma via sinuosa, incerta, colomnhante, itinerário do ser imperfeito rumo à sua possibilidade de maior completude e plena realização.

O que carece é a companheiragem de todos no simples, assim irmãos (1970, p. 189). É quando, então, que constata: – *Um ainda não é um: quando ainda faz parte com todos.* (1970, p. 142)

Ele busca em si, em seus crespos e avessos, a energia demoníaca, que pulula visceral em seus internos. Convoca o demo. Conclama o diabo. Ascende Lúcifer. Assanha o Cão. Desafiado e enfrentado, de alguma forma misteriosa, o demônio, de fato, comparece, como aumento de poder e de energia – *gã* – que enxerta coragem bastante para capacitar Riobaldo a atravessar seus impasses. Com o diabo no corpo, endemoniado, Riobaldo assume a chefia do bando. Dá diretriz. Faz façanhas. Descomete-se.

Você quer dançação e desordem...

Diadorim é figura cautelara.

Ei, retenteia, Riobaldo!...

Tento, cautela, toma tento, Riobaldo: que o diabo fincou pé de governar tua decisão! (1970, p. 356)

Tu vigia, Riobaldo, não deixa o diabo te pôr sela. (1970, p. 371)

É preciso por mão, domínio e freio na maldade pessoal interna, para que haja incremento de empuxo pulsional *daimônico* ao sujeito.

Assim ele se torna dono definitivo de si.

Por outro lado, é preciso campear e dar batalha incessante à maldade imperante no espaço interno do sujeito. É preciso combater o lado torvo, sombrio, arrenegado, escuro, obscuro, amorfo que, desde o início, faz parte de tudo. “Vida, e guerra, é o que é: esses tontos movimentos.” (1970, p. 175). O mal é o tosco indiferenciado diafoto, aquilo que precisa ser iluminado pela luz do discernimento e da diferenciação.

Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço do que é bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero todos os pastos demarcados... ao que, este mundo é muito misturado... (1970, p. 169)

O mal é o apetite voraz – o devorador interno – *Kirttimukha* – da mitologia hindu – que visa incorporar a diferença, reaglutinando-a num todo caótico indiferenciado. A via do meio é aquela que serpenteia entre dois absolutos e confortáveis chapadões: Diadorim e Hermógenes. Mortíferos em sua radicalidade da certeza absoluta. A via do meio – a de Riobaldo – é aquela que – muito a contragosto – a pessoa

se gabarita a aceitar como regra, na vida, a mutabilidade constante e geral de tudo.

“Esta vida embrulha tudo. Essa vida mistura tudo. Esta vida é embrejada. A gente não vive não é caminhando de costas? Viver nem não é muito perigoso?”

A via Riobáldica sabe, dolorosamente: “Quase tudo o que a gente faz ou deixa de fazer, não é, no fim, traição?”. (1970, p. 139)

Aprender a lidar com as insurgências arrevesadas, de forma transitiva e valiosa, é que é o viver-mesmo. A vida é fluxo – rio, tempo, vento. Viver é ser acolhido e subjetivado. Da matriz dos outros, a cobra-homem ganha sua primeira casca. Viver é crescer. Um dia, a casca fica apertada e constricta. Tem que ser abandonada, em ecdise. O sujeito se desilude do outro. Se desproduz.

— *Posso me esconder de mim?...*

Eu jazi mole no chato, no folhiço, feito se um morceção caiana me tivesse chupado. (1970, p. 320)

De casca nova, façanhudo, torna-se um cavaleiro. *Weihs Mahr* – cavaleiro combatente – do suevo *Wimaranes*, passando por *Wimara – Guimara*, tornou-se Guimarães. Centauro. Fazedor de portentos. Capaz de cumprir a missão que se lhe impôs, a de exterminar os ‘Judas’: o Hermógenes e o Ricardão.

Nasci para ser. Esbarrando aquele momento, era eu, sobre vez, por todos, eu enorme, que era, o que mais alto se realçava. E conheci: ofício de destino meu, real, era o de não ter medo. Ter medo nenhum. Não tive! (1970, p. 447).

Ser dono definitivo de mim, era o que eu queria, queria. (1970, p. 32)

Neste processo de travessia, Riobaldo aprende a reconhecer o lado terno, sensível, afetivo, feminino – o manuelzinho-da-croa, símbolo de sua união afetiva com Diadorim. Manuel é Emanuel – Deus adiante. Pégaso. Cavalos alado.

Aprende que bem e mal estão indissolúvelmente ligados, no sertão da existência. Cabe ao *viator* fazer sua melhor escolha. Eis o “homem humano”. “A vida é, no fundo, uma guerra e todos são jagunços e guerream”. (1970, p. 195)

Desenvolve talentos nitidamente masculinos como mostro em “Constituição da identidade de Riobaldo” (1996). A vida mistura tudo.

Há mudanças bruscas no estado de consciência de ser. Como no Sobrado. Há superação abrupta do estado e o *status* de ser.

Resoluto saí de lá, em galope, doidável. Mas, antes, reparti o dinheiro, que tinha, retirei o cinturão – cartucheiras – aí ultimei o Jagunço Riobaldo! Disse adeus para todos, simplesmente. (1970, p. 454)

Desapoderei. (1970, p. 455)

Riobaldo é um *fosforos*, aquele que, mediante discernimento e argúcia – *nous* – é capaz de empregar a *ratio* – a reta razão e o *logos* – o conhecimento vivenciado, para balizar o percurso mais conveniente, que ultrapassa a prisão da precisão – necessidade – *Ananké*, evita e dribla a inexorabilidade do destino – *Moirá* – e não se

submete aos desígnios ciumentos da justiça dos invejosos Deuses – *Diké*.

Na medida em que toma gosto de especular idéia, ascende à sabedoria – *sofia*. Um homem conhecedor dos caminhos, desarmados de suas armadilhas, é um homem dotado de valor – *areté*. Para frente. Para cima. Para o alto. Em ascese permanente. Edificando em lançadeira – pra lá, pralí, pra acolá, pra cá – sua dotação humanizante. É quando então atinge a dimensão espiritual do ser humano. Há um alento, uma alma – *pneuma* – que é enxertada pela inteligência experienciada em curso – *nous*, operando milagres, iluminando por sobre as coisas. O ‘sobredentro’. Este, o espírito, augusta dimensão diferenciada de homens que se dedicam a possuir e a burilar sua noção pessoal de excelência a ser. *Areté*.

Alcandorado espírito. É ele que dá junção e apresilhamento ao corpo e ao psíquico, levando tranqüilidade – *ataraxia* – à sede do conflito por excelência, que é a alma.

É prerrogativa do espírito iluminar-se reflexivamente em consciência-de-si. Espírito é o lugar – *topos* – do acolhimento ao ser. Onde, mediante emanção, o ser se manifesta. A unidade estrutural corpo-psiquismo-cidadania-alma-espírito realiza-se na relação dinâmica do Homem com a universalidade do ser. Por sua vez, o ser é condenado a tornar-se, vir-a-ser. Tem como mandato, como ética, como caminho, ser-mais. Sua tarefa, sua finalidade é obter, da melhor forma, sua auto-realização. Assim, o espírito é o fecho de abóbada da construção ontológica que confeçoa a pessoa. Espírito é princípio totalizador.

No entanto, jagunçar foi preciso. O privilégio centralizador do *Cogito* cartesiano colocou o homem no caminho da razão e da desrazão. O paradigma freudiano, surgido há um século, então revolucionário, deslocou o centro do homem para a dimensão inconsciente do ser. (Baggio, 1995)

Só o espírito – a chispa do divino – que em nós acende e mais apaga – é o princípio capaz de nos totalizar e nos integrar, enquanto seres humanos.

O que espanta, o que assusta e faz estacar o passo do ser humano é, ele, súbito, perceber que há um deus dentro de si. Esta é a maior resistência que o ser humano tem: a dificuldade de assenhorar-se da excelsa dimensão integradora de seus pedaços componentes esartejados, dados pelos momentos privilegiados de iluminação que o acometem. “Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida?” (1970, p. 235). Então, onde é que está a verdadeira lâmpada “de Deus, a lisa e real verdade?”. (1970, p. 260)

Para não isso é que se criou o contensor horológico. Mais arcaicamente, criaram-se os deuses e as religiões. Também os grandes sistemas e as instituições sociais promanam abrigar em seu cadinho a massa multidão de coisas – negócios – que negam o ócio criativo. Embora vitoriosa em toda a parte, à globalização, hoje hegemônica, faltam exatamente conceito, paradigma abrangente, compaixão, inclusão de seres humanos e solidariedade. À atual onda globalizante, neoliberal, falta apenas... Espírito! E como tal, está fadada a ser moda com dias contados.

“Acho que o espírito da gente é cavalo que escolhe estrada: quando ruma para a tristeza e morte, vai não vendo o que é bonito e bom. Seja?”. (1970, p. 143)

O que é duro e quase impossível de acostumar, é com o tremeluzente piscar da lisa e veraz lâmpada de Deus, as emanações do próprio espírito. É da iluminação interior que a humanidade foge, mais do que do diabo. Quando a luz do espírito espouca, o sujeito se assusta e retrai. Ou diz estar vendo fantasma, alma-do-outro mundo, assombração, gremlins e quejandos. Outras vezes, diante do assombro ante o aparecimento do espírito, o indivíduo simplesmente nega, descarta ou manda pro bispo. Portanto, a maior resistência que tem a humanidade é a de aceitar e assimilar – em crescimento, sua própria grandeza.

No entanto, espírito humano é fecho de abóbada que configura o “homem humano”. Todos aspiramos a transcendência. A vida exemplar é ascese constante, rumo à edificação do humano em nós. Como atingi-la?

“Porque aprender-a-viver é que é o viver mesmo. O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca”. (1970, p. 443)

O fato é que somos seres que detêm uma faísca divina. Em nosso âmago mais em recesso, somos seres sagrados. Seres que iniciam a jornada desapetrechados, em falta e em incompletude (Baggio, 1993). É nossa possibilidade vir a adquirir cerne, estofa e substrato para desempenhar peripécias ao longo do arco existencial que a cada um compete. Viver é adquirir cabedal para obrigar o *daimon* ambíguo e inseqüente, a tornar-se diferenciado e responsável, sob a forma de um ato humano, impellido pelo desejo, mediado pela inteligência, configurando vontade que se impõe sobre a estupidez do mundo. Se é o espírito que ordena e unifica as várias partes componentes da alma humana – seus *diasparagmos* –, é a vontade que gera as ações propriamente humanas. A vontade é o apetite inteligente que confeioa os puros atos humanos.

Viver é dispor-se na direção propícia, iniciando conformação de aportes, estabelecendo identidade provisória, treinando a vontade, sob a égide do exercício das virtudes morais, intelectuais e convencionais.

Trata-se de uma *paideia* – uma educação. De um autêntico *itinerarium mentis ad Deum*, uma formação de caráter (Vilhena, 1996). Constituição plena de pessoa.

Sempre sei, realmente. Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pejei para achar, era uma só coisa – a inteira – cujo significado e vislumbado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver – e essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse nor-teado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. (1970, p. 366)

Esta é a via constelar de Riobaldo. Sempre há uma vereda, um desfiladeiro, por onde o viajor pode transitar em seus efêmeros múltiplos estados-de-ser.

Alegria de compreender: “Isso que me alegra, montão”. (1970, p. 21)

Compadre meu Quelemém sempre diz que eu posso aquietar meu temer de consciência, que sendo bem assistido, terríveis bons-espíritos me protegem. Ipe! Com gosto. (1970, p. 14).

Há um rumo certo, inserido num labirinto de caminhos desviantes de pura perdição. Esta vida é muito misturada. Muito embrejada.

Para ir adiante, o viajor conta apenas com sua inteligência, sua sorte e sua capacidade de adivinhar, para poder vir a atravessar seus fantasmas. Por vezes se desorienta. Escrabeia. Torna-se furiável. Outras vezes, resvala, cai, levanta. Muitos se perdem... A graça está em fazer até as mais tristes ações com alegria, como Deus quer.

Ali naquel'horinha – meu senhor – foi que eu lambi idéia de como às vezes devia de ser bom ter grande poder de mandar em todos, fazer a massa do mundo rodar e cumprir os desejos bons da gente. (1970, p. 207)

Consegui o pensar direito: penso como um rio tanto anda: Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é furiável? Não. Esse obedece igual – e é o que é. Isto, já aprendi. A bobéia? Pois, de mim, isto o que é, o senhor saiba – é lavar ouro. Então, onde é que está a verdadeira lâmpada de Deus, a lisa e real verdade? (1970, p. 260)

Riobaldo edifica-se em escansão, rumo ao divino, já desde a noite iniciática nas Veredas Mortas. (Baggio, 1996)

Ao que eu recebi de volta um adêjo, um gôzo de agarro, daí umas tranqüilidades – de pancada. Vi as asas, arqueei o puxo do poder meu, num átimo. Aí podia ser mais? A pêta, em querer saldar: que isso não é falável. As coisas assim a gente mesmo não pega nem abarca. Cabem é no brilho da noite. Aragem do Sagrado. Absolutas estrelas! (1970, p. 319)

Alcançando a dimensão maior, é preciso retornar em seguida a terra, campo prosaico onde vigora a realidade. “Despresenciei”. (1970, p. 320)

É daí que Riobaldo tem acrescido seu poder de pensar. Reto.

De primeiro eu fazia e mexia e pensar não pensava... Mas agora... me inventei neste gosto de especular idéia. (1970, p. 11)

– para pensar longe, sou cão mestre – senhor solta em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém! (1970, p. 15)

O que Riobaldo consegue é poder dizer “Eu sou é eu mesmo. Divirjo de todo o mundo... Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa”.

É assim que ele desidera-se do estelar, reincorpora em si o sopro do divino, contém parte do brilho das estrelas e torna-se “homem humano, definido por seu li-

vre-arbítrio – por sua liberdade” (Araújo, 1996, p. 208), na indissolúvel inteireza de todas suas prerrogativas.

Como um uroboro, a vida se ata de cabeça para baixo, em suas perdas e colheitas. O raro e dificultoso é um qualquer, ser incompleto, avançar da primeira para a segunda margem do rio da existência e daí, adquirir drama e valor para se edificar como ser humano, candidato a se apresentar iluminado, em seu dia de alta tarefa, para junto do seio da terceira margem...

Lemniscata.

ABSTRACT

This essay interpretes the work of art **Grande sertão: veredas** as a kind of viaticum that also offers useful teaching on the act of living. It demonstrates Guimarães Rosa's literary effort to indicate the winding ways that allow us, human beings, destitute and incomplete, to advance towards edification of our humanity and the achievement of our spiritual dimension.

The author of this essay reads **Grande sertão: veredas** as an indispensable Bible on existence. He puts forward the thesis that the biggest obstacle to the growth of a humane kind of man is constituted by each one's resistance to assume, in its entirety, one's own sparkle of spirit.

Referências bibliográficas

- ALBERGARIA, Consuelo. **Bruxo da linguagem no Grande sertão**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- ALMEIDA, Ana Maria. **A demanda da Santa Escritura**. Belo Horizonte: UFMG, 1992.
- ANDRADE, Sônia Maria Viegas. **A vereda trágica do Grande sertão: veredas**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.
- ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. **Guimarães Rosa: diplomata**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 1987.
- ARAÚJO, Heloísa Vilhena de. **O roteiro de Deus**. São Paulo: Mandarin, 1996.
- BAGGIO, Marco Aurélio. Constituição da identidade de Riobaldo. **Revista Extensão**, Belo Horizonte: PUC Minas, v. 6, n. 2, ago. 1996.
- BAGGIO, Marco Aurélio. Dão-dalalão. **Revista Reverso**, Belo Horizonte: Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, n. 27, dez. 1987.

- BAGGIO, Marco Aurélio. **O psiquismo humano**. São Paulo: Escuta, 1995.
- BAGGIO, Marco Aurélio. Apego e loucura em João Guimarães Rosa. **Revista Extensão**. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 3, set. 1993.
- COUTINHO, Eduardo de Faria. **Guimarães Rosa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Fortuna crítica, 6)
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.
- ROSENFELD, Kathrin H. **Os descaminhos do Demo**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- TOLEDO, Marcelo de Almeida. **Grande sertão: veredas: as trilhas do amor e guerra de Riobaldo Tatarana**. São Paulo: M. Ohno-M. L. Pires e Albuquerque Editores, 1982.
- UTÉZA, Francis. **Metafísica do Grande sertão**. São Paulo: Edusp, 1994.
- VAZ, Henrique C. L. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Edições Loyola, 1991-1992. 2v.
- VIGGIANO, Alan. **Itinerário de Riobaldo Tatarana**. Belo Horizonte: Ed. Comunicação, 1974.